

A Oração do Senhor, chamada, com razão, de miniatura de todo o Evangelho, quanto mais meditamos sobre ela, mais profunda parece



A oração que Jesus ensinou

ERNEST O. HAUSER

«**É** DESTES MODO que deveis rezar, de agora em diante: Pai nosso, que estais nos céus, santificado seja o vosso nome.»

É assim que o Cristo, no Evangelho segundo São Mateus, introduz a Oração do Senhor. Desde então, ela tem sido a alegria e o conforto de gerações sucessivas, como pedra angular da cristandade, em seu culto e ensino. Tanto protestantes como católicos têm por ela a maior reverência. Dada pelo próprio Senhor, é o

modelo perfeito de como se deve orar. Não há oração mais bela, nem mais fácil de ser compreendida, nem capaz de unir-nos mais intimamente a Deus.

O Novo Testamento contém duas versões da oração. Mateus nos apresenta o texto mais longo, com sete petições distintas, e sua versão foi usada na liturgia desde o início. Segundo a versão de São Lucas, o Cristo improvisou a oração em resposta ao pedido de um dos discípulos: «Senhor, ensina-nos a rezar.» As fórmulas he-

DETALHE DA ILUMINURA DE A ORAÇÃO DO SENHOR, DE HENRY WILLIAM STUART, 1857

braicas tradicionais, repetidas por eles desde a infância, já não satisfaziam esses homens da Nova Aliança. E, não obstante usar muitos elementos hebraicos, Jesus, com o toque seguro da inspiração, derramou vinho novo em velhos odres.

Pois o que ele ensinou é uma oração revolucionária. Sua concisão, seu calor, sua pureza a distinguem nitidamente das «vãs repetições» das preces pagãs. Não admira, pois, que os cristãos dos primeiros tempos a conservassem com ardente zelo. Dentro de um século, após a morte do Cristo, tornara-se a fórmula fundamental do culto cristão, esperando-se que todos os fiéis a rezassem três vezes ao dia. A oração é tão maravilhosamente composta, tão sutilmente equilibrada, que, quanto mais meditamos sobre ela, mais profunda e rica ela parece se tornar.

Pai nosso... Já as duas primeiras palavras são dignas de nota. Colocando-nos na presença de Deus, com espírito recolhido, desligados das agitações do dia, nós o invocamos com o termo *Abba*, do aramaico, língua materna de Jesus, palavra que o próprio Cristo trazia em seus lábios, e que talvez se traduzisse melhor por «Papai». Não encontramos aqui nenhum vestígio do temor com que um povo receoso se aproximaria do senhor supremo. Contamos com a benevolência de Deus. Aproximamo-nos como filhos, para tratar de assuntos de família. Autorizando-nos a nos aproximarmos assim de Deus, o Cristo nos concede participar da sua intimidade com o Pai.

...que estais nos céus, santificado seja o vosso nome. Contudo, Deus está nos céus, todo-poderoso, onisciente, velando lá do alto, sobre a sua criação. Nossos pensamentos devem subir até ele. E assim pedimos agora que o seu santo nome e a sua pessoa sejam santificados por todos os homens. Este pedido, brotado de uma profunda exigência religiosa, aparece de novo nas duas petições seguintes.

Venha a nós o vosso reino. Toda esperança humana se concentra aqui. O reino de Deus é o tema central do Novo Testamento e da nossa oração. Nós nos unimos aos mais antigos cristãos, na sua esperança daquela situação eterna de felicidade sem mácula, quando, segundo as célebres palavras de São Paulo, não mais veremos o Senhor obscuramente, como «através de um espelho», mas «face a face». As forças da redenção são impressionantes. Não comparou Jesus o reino a um grão de mostarda que pode tornar-se uma árvore? Pedindo a Deus que plante em nós uma pequena semente do seu reino, *aqui e agora*, nós nos identificamos conscientemente com aquela força primitiva e oculta que deseja chegar à plenitude. «Vede, o reino de Deus está dentro de vós.» Nossa petição se transforma num firme compromisso de participar dos grandes desígnios do Senhor.

Seja feita a vossa vontade, assim na terra como no céu. Este terceiro pedido elimina a exaltação de nossa alma. Como não podemos conhecer a vontade de Deus, e talvez soframos

quando ela se manifestar, isto implica num propósito de paciência e resignação. Aproximamo-nos também do verdadeiro sentido da oração. Não é tanto para obter determinados favores que rezamos («pois vosso Pai sabe de que precisais, mesmo antes de pedirdes»), mas para conformarmos nossas aspirações, toda a orientação de nossa vida, portanto, com a inescrutável vontade de Deus.

O pão nosso de cada dia nos dai hoje. Em nossas três primeiras petições, tínhamos o olhar voltado para o céu. Agora, passamos a petições que se referem ao nosso bem-estar material e espiritual. O que poderia ser mais natural que pedir a Deus, que nos dá a vida, que nos ajude a conservá-la, provendo-nos do pão de cada dia? O pão era o alimento principal dos judeus do tempo de Cristo. Os pobres e oprimidos, entre os quais vivia Jesus, nada mais esperavam que o sustento. Assim, o pão tornou-se como que o símbolo da sobrevivência.

Nós pedimos pão, escreve Martinho Lutero, «mas queira Deus garantir-nos comida e bebida, roupa, casa e lar, e saúde do corpo; que ele faça crescer os cereais e os frutos do campo... e que o nosso trabalho seja bem sucedido». Posto que Deus haja por bem prover-nos de tais bênçãos sem que o peçamos, o célebre reformador acrescenta que Deus deseja que reconheçamos que elas procedem dele, como sinais do seu cuidado paterno.

Perdoai-nos as nossas ofensas, assim como nós perdoamos a quem

nos tem ofendido. A quinta petição se apresenta como um verdadeiro negócio. Pedimos a Deus que nos perdoe nossas ofensas (Mateus diz «nossas dívidas»; Lucas, «nossos pecados»; o *Book of Common Prayer*, «nossas transgressões»), assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido. Ao ensinar-nos esta oração, Jesus presume, na verdade, que ninguém pode passar pela vida sem cometer pecado ou ofender ao próximo. Deste modo, em falta com ambos, a consciência e Deus, acusamos os pecados, e imploramos compaixão.

Porém, como poderemos esperar ser perdoados, se, em relação aos nossos devedores, insistimos numa libra de carne? Neste ponto, a Oração do Senhor contém uma mensagem. Ela nos impõe a obrigação moral de preservar a paz, de resolver tudo harmoniosamente e de boa vontade, entre nós e nossos vizinhos. A regra áurea de fazer aos outros o que desejamos que nos façam ganha uma nova dimensão. Nossa oração inclui isto nas contas que devemos prestar a Deus um dia.

Enão nos deixeis cair em tentação... Ai de nós, «o espírito na verdade está pronto, mas a carne é fraca». Pedindo a Deus que não nos deixe cair em tentação, reconhecemos que nossa carne está inclinada a cair. Vacilando entre o bem e o mal, voltamo-nos para o nosso Pai, pedindo-lhe ajuda. Preferíamos não estar sujeitos à prova.

...mas livrai-nos do mal. Quase no mesmo instante, e com a mesma ansiedade, lançamos esta súplica mais

premente. A maioria dos estudiosos da Bíblia julgam que «mal» corresponde aqui a Satanás, «o maligno». Outros julgam-no a força impessoal, destruidora, que ameaça privar-nos da salvação. A diferença não afeta o sentido mais profundo desta última petição. Rogar ao Senhor que liberte a humanidade do «mal», a explodir em torno de nós num pandemônio de violência e crime, é, sem dúvida, um dos mais atuais pedidos que possamos dirigir ao alto. Assim, nossa visão final de um mundo luminoso, mundo não empanado pela tentação, encadeia-se com o pedido anterior: «Venha a nós o vosso reino.» Nossa oração completa o círculo.

Vosso é o reino, o poder e a glória para sempre! No Evangelho de São Mateus, a oração termina com este canto de louvor e glória. Os estudiosos concordam em que estas palavras constituem um aditamento ao texto do Evangelho, e muitos cristãos o omitem. Contudo, há provas evidentes de que era usado, pelo menos, a partir do segundo século. É um reconhecimento jubiloso do nosso encontro com o Altíssimo. A renovação física e espiritual, primeiro fruto da oração, manifesta-se nestas palavras finais.

Amém. O Senhor ouviu-nos. Assim seja! Levamos cerca de 20 segundos

para dizer as 74 palavras da oração. Durante este tempo, a maioria de nós não terá notado que uma pequena palavra, a palavra «eu», não foi sequer mencionada. Nada indica com mais clareza o espírito com que rezamos. Aqui, não há lugar para o egoísmo. Dirigimo-nos ao Criador como membros da fraternidade humana. O que pedimos para nós, pedimo-lo também para os outros seres humanos.

Será que a Oração do Senhor é realmente a melhor Oração? O Cristo jamais teve a intenção de impô-la ao mundo, como uma fórmula exclusiva, suplantando outras tão do nosso coração, como orações de ação de graças, por amigos em dificuldade, pelo restabelecimento de um doente, por uma viagem feliz, e pela justiça, a liberdade, a paz. Todavia a Oração do Senhor é a única ensinada por Jesus. A inspiração divina a coloca em lugar inteiramente à parte. Como oração a ser recitada sempre, abrange as nossas maiores necessidades, tanto da alma como do corpo. É uma oração para todas as ocasiões, e não é de admirar que milhões de fiéis a recitem com frequência. Não há um minuto em que a Oração do Senhor não se eleve ao céu, de qualquer canto da Terra. Toda a cristandade louva, deste modo, o Criador.



CHARLES Lindbergh estava sentado ao lado de uma francesa, durante um jantar, no último Festival Aeronáutico de Paris. Tentando encontrar alguém para conversar, ela notou o nome de Lindbergh no cartão à sua frente, e perguntou: «É a sua primeira visita a Paris, Sr. Lindbergh?»

— J. C.